

MERCADOS PARA AGRICULTURA FAMILIAR EM TERRITÓRIO DA PECUÁRIA GAÚCHA: MUNICÍPIO DE ALEGRETE,RS

Caroline Venes de Oliveira¹ - UFSM
carol_venes@yahoo.com

Vera Maria Favila Miorin² - UFSM

Ediane Viera³ – UFSM

Michele Lindner³ – UFSM

Flamarion Alves³ – UFSM

Este estudo pretende caracterizar o comportamento da agricultura familiar como elemento “novo” e provocador de mudanças em território onde as atividades pecuaristas caracterizam o uso da terra, tomando-se como objeto de análise um dos municípios mais característicos da Metade Sul do Estado do Rio Grande do Sul: o município de Alegrete, localizado na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, região fisiográfica denominada de Campanha Gaúcha. A principal atividade econômica nesta região, Campanha Gaúcha, é a pecuária extensiva, tendo as atividades agrícolas papel secundário. Tal característica faz com que a região seja reconhecida como área de predomínio de propriedades e estabelecimentos de grande dimensão. Com a criação do Plano de Reestruturação Econômica da Metade Sul, PREMS, os estudos demonstram a convivência no espaço rural entre estabelecimentos de grande e pequena dimensão areal. O município de Alegrete detêm uma estrutura fundiária concentrada, com predomínio de grandes propriedades que resultam, muitas vezes, em grandes estabelecimentos, vale lembrar que ele é o maior município do Estado e possui o principal rebanho bovino e ovino. A pequena propriedade por não ser reconhecida cultural e economicamente, encontra-se em situação precária de mercado, acesso a tecnologias devido a falta de capital e, em muitos casos, se desenvolvendo sobre solos pouco recomendados às práticas agrícolas. Segundo Suertegaray (1998), o município apresenta em torno de 1300 ha de focos de arenização, sendo impróprios à agricultura, principalmente nas *coxilhas*, onde a alternativa seria o cultivo de pastagens perenes e fruticultura. A correção dos solos depende de disponibilidade financeira que os pequenos agricultores não possuem para realizar os investimentos. Toda a Fronteira Oeste carece de investimentos, as cidades classificam-se como de pequeno porte, cuja força de mercado é pouco ativa e são poucas em número e muito distantes entre si, a distância entre as sedes dos municípios e os “rincões” pode chegar a 100 km. A infra-estrutura dessas áreas é das mais precárias, a

¹ Apresentadora e autora. Acadêmica do Curso de Geografia Bacharelado, CCNE/UFSM.

² Orientadora. Professora, doutora e Pesquisadora do LEPeR, Depto de Geociências, CCNE/UFSM.

³ Co-autores.

pequena propriedade fica condenada a um isolamento do mundo e a um alheamento de informações, motivo para tentativas frustradas de organização coletiva e associativa. Na região não floresceu um mercado interno absorvedor de sua produção, os grandes proprietários importavam o que não produziam de outras regiões, fato que se reflete até hoje. Considerando-se a produção de hortifrutigranjeiros e a presença de mercado consumidor urbano, destaca-se que, apenas cinco por cento (5%) das hortaliças consumidas são adquiridas no município. Através de uma abordagem metodológica sistêmica, considerando as relações entre os setores rural e urbano, no estudo se procurou identificar o que impede o ingresso da agricultura familiar na economia, uma vez que ela representa o elemento de reestruturação socioeconômica no município, foi possível observar que em 99% da área municipal predomina o meio rural e 90% da população é urbana. Isto permite identificar a presença de um vazio humano no meio rural e ao mesmo tempo reconhecer a existência de mercado para produtos como os “*in natura*”, entre eles hortaliças, legumes, ovos, frutas, leite e pequenos animais. Permite-se reconhecer a ausência de uma organização nos segmentos tanto de produção como de comercialização nos quais as propriedades possam gozar de eficiência e dinamismo. Desta maneira, sem aumento de produção, canais de distribuição e estratégias de alcance dos mercados, inviabilizam-se o equilíbrio entre sustentabilidade, competitividade e progresso técnico. Analisando as demandas nos mercados existentes para produtos oriundos dessas pequenas propriedades; foi possível verificar as potencialidades desse tipo de agricultura e a falta de oportunidades, pois até então os incentivos estavam voltados aos mercados externos. O reconhecimento da presença de uma agricultura de pequeno porte e oriunda da agricultura familiar dedicada a produção, por exemplo, de hortifrutigranjeiros, do qual Alegrete possui carência, é algo estranho para um ambiente socioeconômico cuja tradição da formação econômica se determina pelo predomínio do criatório tradicional e aonde a presença da agricultura constituída pelo arroz e, mais recentemente, pela soja, não são bem vindas como uma proposta diferenciadora e até confrontando-se no território com suas tradições e formação social, cultural e histórica.

Bibliografia

FONSECA, V.P.S. **A hegemonia do latifúndio pastoril e sua relação com a pequena propriedade na fronteira Oeste do Rio Grande do Sul – A Contradição do camponês fronteiriço e a sua concepção de mundo estancieira.** Dissertação de Mestrado em Extensão Rural. Santa Maria, 1994.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Deserto grande do sul: controvérsia.** 2.ed. ver. amp. – Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998.